

POÉTICAS DE CONVERSAÇÃO PARA UM GRUPO E TRÊS NOITES NA VELOCIDADE DA LUZ

André Luiz Rodrigues Bezerra¹

IFRN – Campus Avançado de Lajes

DOI 10.21680/2595-4024.2023v6n1ID34284

Resumo: O presente texto abriga e desenvolve as memórias da experiência com o formato dos Grupos de Conversa propostos no âmbito do II Colóquio Internacional Poéticas do Aprender (II CIPA), ocorrido a partir de Natal em uma paisagem virtual espalhada ao redor do mundo desde novembro de 2021. Especificamente nos focamos no Grupo de Conversa 7 e a experiência que tivemos na coordenação deste. Observamos aqui como a telepresença enquanto possibilidade de resistência permitiu a experimentação da palavra na reflexão acadêmica enquanto espaço criativo de conversações e composições conceituais mais fluídas, pondo a conviver a elaboração e a intempestividade nos ditos e escritos gerados a partir do encontro do Grupo.

Palavras-Chave: Grupo de Conversa; Relato de Experiência; Poéticas do Aprender; Pandemia da Covid-19.

¹ André Luiz Rodrigues Bezerra é mestre em artes cênicas, com ênfase em performance arte, e licenciado em Teatro pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. É professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) – Campus Avançado Lajes. É performer, artista e curador residente na cidade do Natal (RN).

Abstract: This article houses and develops the memories of the experience with the format of the Conversation Groups proposed within the scope of the II International Colloquium Poetics of Learning (II CIPA), which took place in Natal and from there in a virtual landscape spreaded around the world in November 2021. We specifically focus on Grupo de Conversa 7 (Conversation Group 7) and the experience we had in coordinating it. We observe here how telepresence as a possibility of resistance, allowed the experimentation of the word in academic reflection as a creative space for more fluid conversations and conceptual compositions, bringing together the elaboration and the untimeliness in the sayings and writings generated from the Group meeting.

Keywords: Conversation Group; Experience Report; Poetics of Learning; Covid-19 Pandemic.

1. O problemar

Antes, durante e depois do “II Colóquio Internacional Poéticas do Aprender: (im)possibilidades do teatro na escola em tempos de pandemia” (II CIPA), ocorrido a partir de Natal em uma paisagem virtual espalhada ao redor do mundo desde novembro de 2021, promovido em parceria com o Curso de Licenciatura em Teatro, o Departamento de Artes e o Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), havia a pandemia de um novo vírus cuja escala de impacto provocada não se observava com tal intensidade desde o início do século XX com a *Influenza*, tendenciosamente midiaticizada como *gripe espanhola*.

Como a origem do termo sugere, a afligir todo o povo de forma igual, o afetando, contudo, de formas distintas, amalgamadas àquelas que já costumam diferenciar para fazer morrer os que como iguais deveriam ter direito a viver, a pandemia do coronavírus (SARS-CoV-2) e suas variantes interpelaram com outros tempos e limites os grandes sistemas de saúde, mas também de assistência social,

políticos e econômicos, desafiando a multilateralidade nas bases de uma dinâmica de relacionamento internacional globalizado e pondo em xeque questões fundamentais como o direito à educação.

A pandemia da Covid-19 em sua zona contaminada, parafraseando Caio Fernando Abreu (2009), se intensificou em potências de morte cujas ondas levaram centenas de milhares de vidas humanas fora e dentro dos limites nacionais. Implicada por um cenário habitado por incoerências políticas, furtado dos caminhos de emergência mais rápidos para garantir a saída das ondas *maremotais* que quebravam sobre o país, a pandemia era o tempo dos fazeres aqui na esquina da América do Sul, no Rio Grande do Norte, onde se gestou o II CIPA.

Das fontes oficiais que tentavam compor orientações possíveis para a realidade educacional, os referenciais centrais do Conselho Nacional de Educação buscaram abrigo primeiro num ponto de coesão orientativa ancorada em preceitos anteriores fixados por ela, como no caso do parecer CNE/CEB 05/97 que indica:

não são apenas os limites da sala de aula propriamente dita que caracterizam com exclusividade a atividade escolar de que fala a lei. Esta se caracterizara por toda e qualquer programação incluída na proposta pedagógica da instituição, com frequência exigível e efetiva orientação por professores habilitados. Os 200 dias letivos e as 800 horas anuais englobarão todo esse conjunto. (BRASIL, 1997, p.4)

Embora inexata quanto ao que seriam primeiramente os parâmetros definidores da presença, paradoxo guia das discussões sobre a educação no fluxo pandêmico, existia na letra de documento do século anterior a perspectiva de reconhecer o que vivia além dos muros físicos da escola como possibilidade pedagógica.

Por outro lado, reforçava-se o questionamento e sugestionamento de que, em meio a toda essa sorte de referenciais novos que guiariam a educação no

período pandêmico, as condições previstas pelo Art. 3º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional deveriam ser lembradas como parâmetros que estariam horizontalmente observados a partir de qualquer perspectiva adotada para continuidade das atividades nas escolas:

Art. 3º O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

I – igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II – liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;

III – pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas;

IV – respeito à liberdade e apreço à tolerância;

V – coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;

VI – gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;

VII – valorização do profissional da educação escolar;

VIII – gestão democrática do ensino público, na forma desta Lei e da legislação dos sistemas de ensino;

IX – garantia de padrão de qualidade;

X – valorização da experiência extra-escolar;

XI – vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais.

XII – consideração com a diversidade étnico-racial. (Incluído pela Lei no 12.796, de 2013)

XIII – garantia do direito à educação e à aprendizagem ao longo da vida. (Incluído pela Lei no 13.632, de 2018)

(BRASIL, 1996, p.1. Grifos nossos)

O centro das preocupações trabalhadas pelos documentos oficiais neste período, para além da orientação de foco pedagógico, a indicação de perspectivas de atuação aos docentes, primeiros direcionamentos aos modos de proceder relacionados ao planejamento e avaliação de discentes, residiu sob a égide do que parecia um esforço conceitual para que os novos procedimentos sugeridos e adotados não se tornassem um vetor para o crescimento da desigualdade. Equilibrando isto, de forma improvável, com a necessidade de continuidade de uma rotina de aprendizagem escolarizada (mesmo que remotamente) para os alunos, impediu-se a descontinuidade de acompanhamento deles por parte dos profissionais que os atendiam na realidade escolar.

Com ênfase, foi possível observar ainda a busca da fundação de estratégias que amenizassem os efeitos provocados pela longa duração dos períodos de afastamento entre discente e escola, com maior grau de enraizamento deste no que se refere tanto ao retrocesso no processo educacional que os alunos poderiam vivenciar, quanto à descontinuidade do fluxo de atendimento contínuo na escola e aumento dos índices de abandono e evasão escolar.

Sob este aspecto, é importante considerar as fragilidades e desigualdades estruturais da sociedade brasileira que agravam o cenário decorrente da pandemia em nosso país, em particular na educação, se observarmos as diferenças de proficiência, alfabetização e taxa líquida de matrícula relacionados a fatores socioeconômicos e étnico-raciais. Também, como parte desta desigualdade estrutural, cabe registrar as diferenças existentes em relação às condições de acesso ao mundo digital por parte dos estudantes e de suas famílias. [...] É necessário considerar propostas que não aumentem a desigualdade ao mesmo tempo em que utilizem

a oportunidade trazida por novas tecnologias digitais de informação e comunicação para criar formas de diminuição das desigualdades de aprendizado. (BRASIL, 2020, p.3)

Assim resistiu, nos documentos regentes do contexto educacional nacional pandêmico que cercou o II CIPA, a busca por uma homeostase entre a crise vivenciada e a amenização dos impactos educativos para a população mais vulnerável socialmente, combatendo a replicação dos fatores socioeconômicos e étnico-raciais que fundam desigualdades sistêmicas nos modos de vida e perspectivas de acesso a serviços por parte das populações mais pobres e pertencentes a grupos historicamente explorados e marginalizados.

Habitada por este conflito contínuo, a formação de professores neste contexto dentro de práticas teatrais que são inerentemente fundadas nos preceitos da presença física e contato direto, pelo diálogo com alunos em realidades escolares que desapareciam em avatares, ou atividades, e que eram convidados a aprenderem com seus professores as novas relações dos possíveis para sobreviver ao tempo dos isolamentos, se derramou de si a segunda edição do Colóquio para pensar as (im)possibilidades do teatro na escola em tempos de pandemia, tema e questão central, trazendo em seu bojo todas as ações e contradições que poderiam ser compartilhadas entre os distintos criadores que (re)inventaram práticas para este período.

2. Conversar na velocidade da luz

O Grupo de Conversa (GC) surge dentro do Colóquio como espaço de presença viva deste cenário crístico, de relato, ensaio e performance sobre as descobertas, saídas e esmagamentos de uma educação atravessada por necessidades emergenciais e atípicas, conforme demandavam os documentos oficiais e as situações reais por todo o território do país.

Espaço que se deseja vivo ao toque e provocador de deslocamentos, o Grupo de Conversa compele em seus traços um esforço para romper a barreira de um academicismo que tem base na formalidade em detrimento da errância, assumindo, como indica Walter Kohan (2019, p. 120) uma “espécie de viagem que sai do espaço de conforto sem um ponto fixo de chegada, mas com a esperança de que mudar o mundo é possível” ou (im)possível. Seu delineamento, diferente da metodologia da maioria dos grupos de trabalho ou apresentação de pôsteres em espaços de congressos, se constitui diretamente pelo reconhecimento da presença do outro e dos deslocamentos que ele pode provocar, fundando no percurso e não na demonstração dos resultados, a poética de seu encontro, de seu momento de aprendizagem.

Por esta via, fazendo jus à denominação de Colóquio, o Grupo se coloca como espaço-tempo de conversa, não assumida aqui como iminente verbalizada, mas também performada, inventada, jogada, num palimpsesto de bits transmitidos à velocidade da luz pelas interfaces de conferência virtual que se tornaram parte da vida cotidiana de grande parte dos professores para buscar saídas possíveis de contato e aprendizagem em meio aos prospectos cruéis de um vírus e de uma política de viver e deixar morrer amalgamadas em nosso contexto diário no país.

Dessa feita, por sua lira descontínua e seu mover tergiversante, no sentido proposital de vagar pelos caminhos do sentido e faltas dele, a conversa surge como forma de presença e não de apresentação, como possibilidade de perguntar francamente, tentar (des)entender os percursos tomados e, por fim, se faz na poética própria de um aprender que se dá sem um ensinar que se centre.

Pensados dessa forma, os Grupos de Conversa se compuseram de um planejamento tocado por três impulsos basilares, (I) conversar com o trabalho do outro, (II) responder os diálogos a partir do seu lugar de fala na experiência, (III) inventar uma composição textual que acolha e carregue o que o encontro provocou, o que dele se diluiu e se efervesceu.

3. 7 vezes nove é igual a não sei quem

No primeiro dia de encontro do Grupo de Conversa 7, estávamos todos ansiosos para experimentar o que viria, encher de vida as palavras que indicavam os impulsos para atizar o momento do encontro. Propostos pela Prof. Dra. Karyne Coutinho, estes impulsos foram apresentados aos vinte coordenadores convidados, a serem distribuídos em pares nos Grupos de Conversa formados a partir dos 152 trabalhos aprovados no evento.

Esse total de participantes foi dividido por recorte das pesquisas, diversidade geográfica e coordenadores convidados, considerando um número total que permitisse uma conversa e participação qualitativa em cada Grupo. Desta semente nasceu o Grupo de Conversa 7, com quinze pesquisadores inscritos, mediados por mais dois, Uiliete Pereira e André Bezerra.

Um grupo na rede social WhatsApp foi formado com todos os inscritos para ser usado como base para uma comunicação mais ágil, no que diz respeito ao compartilhamento de links, arquivos e textos usados nas três noites de conversa presentes na programação. Preparamos ainda os arquivos base para as conversas, com textos identificados e não identificados, tabela de sorteio, orientações escritas, documentos com edição compartilhada acessíveis ao Grupo e links para acesso à reunião na plataforma Google Meet.

Chegado o primeiro dia, recebemos os 9 participantes que compareceram ao encontro do Grupo de Conversa 7. Solicitamos que todos os participantes permanecessem com a câmera aberta, a não ser que o fechamento fosse imprescindível em algum momento, como forma de visualmente percebermos uns aos outros, nas reações, nos olhares, nas posturas, no feedback não verbal também fundante da performatividade de uma conversa. Ao mesmo tempo indicamos que qualquer apresentação pessoal seria feita apenas no segundo dia,

ficando, para este primeiro momento, o tratamento apenas pelos nomes de tela. Todos concordaram com a premissa inicial.

A seguir passamos a compor/dispor os princípios que orientariam o jogo do nosso primeiro dia, a saber, efetivar-se-ia a distribuição aleatória dos textos inscritos pelos pesquisadores do Grupo no II CIPA, todos não identificados. Cada um, de posse do texto de outro membro do Grupo que não saberia quem era, faria uma leitura silenciosa do material por quinze minutos com a câmera aberta. Após este procedimento, cada um apresentaria o texto lido partindo das seguintes indicações: (a) nos fale sobre o que versa o texto lido a partir de como ele lhe afetou; (b) apresente questões que o texto lhe provoca.

Feita de forma rápida, numa reorganização que é demandada pela fluidez de quem compareceu ou não ao encontro, a distribuição dos textos dos presentes entre seus pares ocorreu após uma determinada janela de tempo inicial deixada para que os que eventualmente se atrasassem pudessem ingressar antes do início da proposta.

De toda forma, para dois integrantes que chegaram após esta janela no primeiro dia, o grupo de WhatsApp foi usado de forma paralela para orientá-los e sortear os textos para leitura deles, garantindo sua entrada na conversa.

Assim, silenciosamente nos pusemos a ler. Microfones fechados e câmeras abertas. Em silêncio por escolha do Grupo, que preferiu que não houvesse nenhum estímulo musical neste momento. Lábios se movendo, mãos apontando para a tela e voltando, olhos e sobrancelhas se movendo e mudando as feições dos rostos, uma série de sinais inaudíveis transitando no mosaico de telas simultâneas no computador, cada bloco uma janela para uma casa, um quarto, um escritório, uma cozinha de onde (grafamos assim propositalmente) estavam cada um dos membros do grupo.

A conversa começou assim pelo encontro com o inesperado do outro, com o deslocar-se da forma base da apresentação formal do texto e acompanhamento compenetrado e reservado de outras apresentações, para o lançamento em meio

ao que os outros trazem como provocação, ao falar do que não dominamos, guiados pelos afetos que nos provocam e pelas lacunas que neles encontramos para sermos curiosos e duvidarmos.

Terminado o tempo e trazidos para dentro da proposta os que chegaram após o início, passamos a compor então a segunda etapa programada para o encontro. Com um tempo médio previsto e orientado, as falas se iniciaram, cada qual apresentando a partir de sua perspectiva e afetos o que o trabalho lido lhe trazia e lhe fazia questionar-se. Cada membro em um tom distinto passou por esse momento de estranho sabor, de apresentar ao Grupo, por meio de nossa leitura, as pesquisas de outro, expondo os traços característicos dela ao mesmo tempo em que dando a (convi)ver questões e perspectivas que vem do nosso fazer enquanto professores, artistas, corpos vivos em cenário de morte.

As falas em alguns momentos mais formais, em outros mais descontraídas, compuseram, de forma comum entre a experiência de todas elas, panoramas sensíveis muito generosos com cada escrito, comentando referências usadas, expressões cunhadas e surpresas encontradas nas leituras.

Aos autores dos respectivos textos, ainda no anonimato, foi indicado que anotassem as dúvidas/curiosidades para que fossem discutidas no segundo encontro.

Paralelo à leitura e às falas dos membros, foi compartilhado com todos os participantes do primeiro encontro um documento de texto na plataforma Google Docs. Chamado de “espaço comum”, este documento interativo, aberto à edição de todos do Grupo, possuía uma única regra incontornável: nada pode ser apagado. Agora isto, tudo colocado na folha por qualquer dos membros poderia ser editado, movido, ter formatação alterada, o que se desejasse. Este ponto virtual de compartilhamento, paralelo e integrado à reunião do Grupo de Conversa, servia também para que, a partir das apresentações e dúvidas dos colegas, registrássemos outras reverberações que os trabalhos dos colegas nos traziam, outras movimentações possíveis por esta interação por meio *on-line*.

Os cursores do editor de texto tornavam anônimas as pessoas que escreviam, alterando apenas a cor e o avatar simbólico que aparecia na tela. Aos poucos, durante as falas, os cursores coloridos começavam a mover-se, anotando provocações, acrescentando questões, alterando cor e fonte dos textos, escrevendo dentro de frases e perguntas já prontas novas pontes para ampliá-las.

Assim, entre falas, dúvidas e escritas compartilhadas nos encontramos na primeira noite do Grupo de Conversa 7. No fechamento, como tivemos participantes que não puderam comparecer ao Grupo, tivemos uma sobra curta de tempo em relação ao planejado. Diante disto propusemos uma bagunça no final. Aquecimento poético “AQUI”: todos os membros do grupo de conversa se encontraram na mesma parte do documento virtual, colocando os cursores no mesmo ponto, logo depois das perguntas registradas, e escreveram por dez minutos suas impressões sobre o dia, brincando, complementando e somando no texto do outro, começando a jogar com uma habilidade que seria a base da última noite de encontro.

4. 7 vezes 10 é igual a reconhecer

Na segunda noite de encontro nos reunimos na mesma sala. Pedimos aos que viriam no segundo dia, mas que se ausentaram no primeiro, para que entrassem trinta minutos antes na sala, para fazermos uma versão rápida da experiência do dia anterior.

Dois novos membros compareceram, foram introduzidos às práticas e ao formato de conversa que seguimos no dia anterior, acessando o link para o documento compartilhado. Logo após, fizeram a leitura dos textos um do outro, sem se conhecerem e fizeram para o Grupo a apresentação dos textos e de suas dúvidas, já tocando no horário de início da segunda noite de encontro.

Assim, com o Grupo ampliado, iniciamos as discussões do segundo dia com uma leitura compartilhada do que escrevemos no primeiro dia, aquecendo

poeticamente o ambiente de discussão deste momento, que traria para o seu cerne a revelação de quem eram os autores dos respectivos trabalhos e o diálogo com as perguntas e inquietações surgidas sobre ele.

Na ordem seguida no dia anterior, os autores revelaram-se, assumindo a fala e apresentando-se de forma mais ampla. Após este recorte inicial, cada um passou a falar de seu trabalho, não apresentando-se, mas compondo um plano através dele a partir dos questionamentos provocados pelo Grupo no primeiro dia.

De maneira muito fortuita, o fluxo de fala e de trocas permaneceu bem acolhido pelo Grupo em seus novos e contínuos membros. No documento *on-line* compartilhado, mais comentários e provocações poéticas ganhavam ênfase, emendando e ampliando os escritos do dia anterior.

As discussões apontaram para lugares múltiplos, para o teatro em diálogo com o rádio, com a criança, com a performance, com a tecnologia, com a educação, com o ensino, com a solidão, com a rua, com o confinamento, com o desaparecimento dos alunos, com o choque do momento.

Para o término deste segundo dia fizemos uma brincadeira performativa (surreal e contraprodutiva) durante dois minutos, escrevendo no bloco de notas com fonte branca sobre o papel branco, todos ao mesmo tempo, agora movidos pelo reconhecer das questões e movimentos de pesquisa abertos pelos colegas que, por meio de seus diálogos com as questões, deram corpo ao descoberto no primeiro dia.

Em uma página do documento *on-line* compartilhado, nos encontramos, colocamos o cursor do mouse, selecionamos a fonte branca. O cursor do texto sumiu sobre o papel branco e começamos a escrever, os grifos de palavras erradas ou períodos com inconsistência acendiam seus zigue-zagues no invisível do escrito. Rindo e pulando de lá para cá, experimentamos escritas compartilhadas na brincadeira de uma criação livre, para regar os pensamentos-dedos que se encontrariam no terceiro dia. Paramos quando todos estavam absolutamente

perdidos, com a promessa de revelarmos na noite seguinte o que se escondia de nós naquele momento.

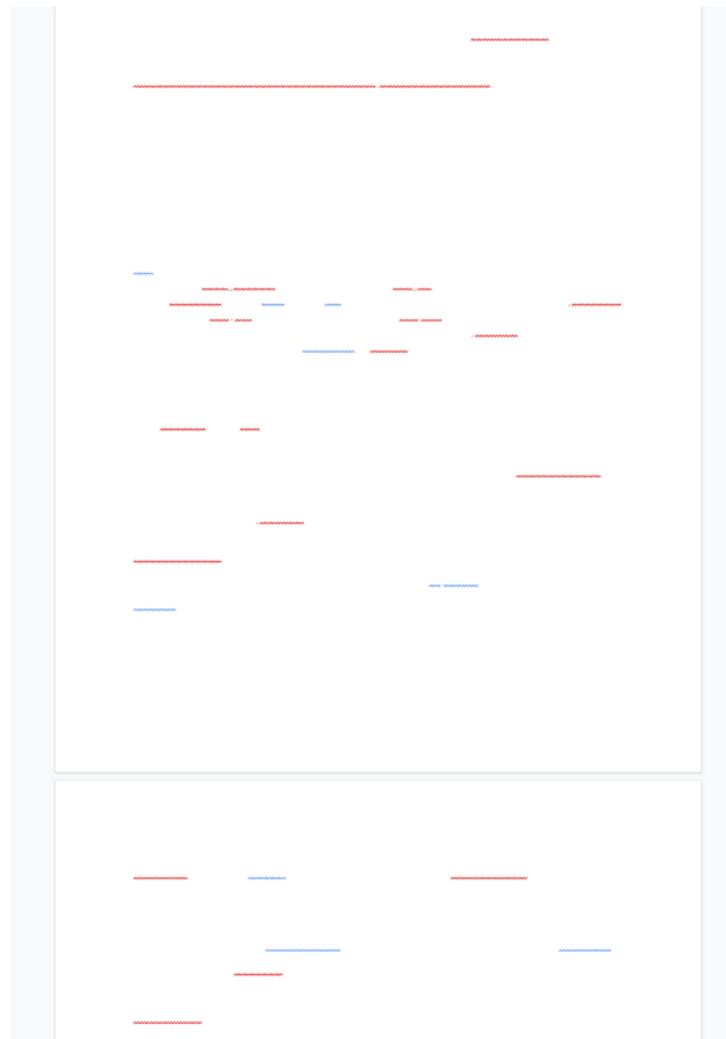


Figura 1 – Texto branco sobre o branco resultado da prática do segundo dia do Grupo de Conversa 7. Fonte: Arquivo do autor.

5, 7 vezes fim é igual à criação

Para iniciar o terceiro dia, indicamos que o momento seria todo dedicado à escrita conjunta e simultânea de um texto nosso com foco no tema do evento e sua provocação: (im)possibilidades do teatro na escola em tempos de pandemia.

Nos reuniríamos no documento *on-line* com marcas deixadas das noites anteriores e juntos do que criamos e do vazio da folha, unidos, escreveríamos sobre nossas considerações seguindo o programa definido por nós nas seguintes etapas:

1. Vamos ler as coisas que ficaram, incluindo o que estava invisível. Vamos ver o que, além das perguntas que já vimos ontem, ficou nas escritas.
2. Nos primeiros momentos vamos tatear no branco do documento. Por 15min., cada um de nós terá de continuar a frase do outro, motivados em perscrutar a pergunta que nos move. Não há ordem, no respiro do outro você entra, tateia a linha e puxa para você. Um escreve, digita, o outro entra, sem aviso, na pausa, sem que a escrita pare jamais, até que se conclua o tempo desta ação.
3. No segundo momento vamos andar. Cada um de nós em um parágrafo somente seu, sem interferência, escreve o que deseja. Mas leia o que os outros estão escrevendo. O foco é caminhar pelo escopo da pergunta. Temos mais 15min nesse esforço.
4. No terceiro momento vamos saltar. Vamos para o parágrafo de outra pessoa a cada dois minutos adicionar algo (pergunta, inquietação, arranjo poético). Temos mais 15min nesse esforço.
5. No quarto momento vamos atravessar. Vamos escrever travessias entre os parágrafos, furar passagens para que eles sutilmente cheguem um no outro. Escrevamos textos que conectem os parágrafos acima e abaixo. Temos mais 15min nesse esforço.
6. No quinto momento vamos bagunçar. Vamos aumentar as fontes, mudar as cores, destacar o que mais nos afeta no que está escrito até o momento. Temos mais 15min nesse esforço.

7. No sexto momento vamos parar. Vamos ler o que fizemos, fazer ajustes, contemplar o que se tornou o texto.

Selecionamos o texto branco sobre o branco, lemos o que estava nele e a partir disso seguimos a ação do ponto 1 até o 7, número de nosso Grupo de Conversa. Destas trocas brotou o texto que se tornou a materialização do encontro destas três noites através das janelas e telas.

Alguns membros que entraram atrasados foram introduzidos pelos mediadores usando o WhatsApp paralelamente à experimentação dos sete pontos indicados acima.

No final deste percurso, lemos o texto, pedaço de presença recém extraído do encontro, ainda coberto de indisciplina, pesando 287kb, com prosa e verso, nas cores preta, vermelha, azul e branca.

A resposta oferecida foi aquela de dissonância, de que sobreviventes de um cenário caótico, navegando com base nos documentos oficiais, mas reconhecendo o vão abissal entre o que preconizam e o que se enxergou na realidade de escolas negligenciadas continuamente pela ausência de investimentos públicos. Enxergamos no trabalho com crianças, jovens e adultos conduzido/vivido em nossas experiências caminhos que indicavam um horizonte de eventos com foco na insistência do contato, na busca da ocupação e brincar das tecnologias e suas ferramentas e limitações, no esforço por práticas que pelo teatro permitissem imaginar um mundo possível depois da tempestade e um eu possível através do isolamento e saudade. Compartilhadas no Grupo de Conversa, essas inquietações ganharam desenho próprio no texto criado que serviu como base para o relato da experiência do Grupo no dia final do evento.



Figura 2 – QR para acesso ao documento compartilhado usado pelo Grupo de Conversa 7. Fonte: Arquivo do autor.

6. De volta ao final

A experiência do grupo de conversa, enquanto perspectiva inquieta de uma poética coloquial, aliviou pelo contato vivo o cansaço de andarilhos de diferentes percursos de pesquisa, trilhados com muito esforço e atenção por professores que diante da pandemia da Covid-19 tomaram nas mãos o (im)possível de pensar o teatro, a performance e a dança na grande lacuna do distanciamento e isolamento que preservou as vidas de tantos.

Observar os aspectos avaliativos, a preocupar-se com impacto social e econômico sofrido pelos alunos presentes e desaparecidos da aula, estabelecer contato para impedir o distanciamento com o espaço educacional, manter sinalizados e vivos os espaços de aprendizagem e a aprendizagem construída, foram esforços denotados de maneira veemente nas pesquisas e no texto final.

Reconhecido como distinto da perspectiva presencial, o espaço de interação virtual foi visto como desafiador, mas também propiciador de diferenças criativas para a composição das aulas para os públicos diversos atendidos pelos trabalhos compartilhados no Grupo de Conversa.

Posta como estratégia distinta de aproximação e de convivência acadêmica, a metodologia adotada nos Grupos de Conversa do II Colóquio Internacional Poéticas do Aprender foi vista pelos participantes do Grupo de Conversa 7 como um alívio das demandas de produção-apresentação rotineiras em eventos acadêmicos, chamando à curiosidade e contato próximo as pesquisas e pesquisadores reunidos naquelas noites.

Enquanto mediador deste processo, nossa relação foi mais próxima da criança que ensina as outras uma nova brincadeira. O frescor das conversas, marcado pela troca sincera de angústias e caminhos que as estratégias colaborativas e lúdicas do II CIPA trouxeram para seu centro, foi certamente um tom presente e marcante, um *leitmotiv* que atravessou as palavras ditas e grafadas. No isolamento compartilhado pelas janelas virtuais, a sensação de que a conversa e escrita nos moviam do lugar em que estávamos na primeira noite era evidente. Uma frase, dita nas orientações do último dia de reunião do Grupo fez brotar o tônus das palavras nas práticas conduzidas no Grupo de Conversa 7: “escreva, escreva, até que o calor acenda em brasa a ponta da pena. Fale, fale, até que a língua faça incandescer os dentes. Os faça para que haja uma luz no fim do túnel”.

O elogio passou pelas câmeras abertas e contato direto, seguiu pelo contato mais direto com as pesquisas uns dos outros e animação pelas perguntas lançadas a partir deste, tocou o uso de estratégias paralelas para promover o contato e integração de todas, sem detrimento à experiência do grupo, e chegou à animação por uma escrita conjunta, leve e provocativa, como manifestação de um fluxo vivo de sujeitos distantes, no espaço, que projetados na velocidade da luz, desintegrados em bits e pixels, memorializaram em palavra o que aprenderam, sentiram, intuíram nessa jornada noite a dentro.

Referências

ABREU, Caio Fernando. Teatro completo. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei n. 9.394/96. (1996). Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 22 abr. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Parecer CNE/CEB 05/97. (1997). Proposta de Regulamentação da Lei 9.394/96. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/1997/pceb005_97.pdf. Acesso em: 18 mar. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Parecer CNE/CP 05/20. (2020). Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da Covid-19. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=145011-pcp005-20&category_slug=marco-2020-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 19 mar. 2022.

KOHAN, Walter Omar. A errância Latino-americana de um outro mestre andarilho: Paulo Freire. Revista Utopía y Praxis Latinoamericana, v. 24, n. 1, p. 117-127. Universidad del Zulia, Venezuela, 2019.